

Preâmbulo

O percurso a fazer passa por uma primeira abordagem fixada nas relações entre razão e espírito. Este cenário, onde o dualismo está presente, procura lançar um olhar sobre o seu alcance. A problemática do dualismo serve, deste modo, de território para aquilo que acontece em termos de atividade do ser humano, podendo isso ser considerado, nesta situação comunicacional, como manifestação de arte.

Num segundo momento, e na continuação das fronteiras assinaladas, importa referir a arte, não abrindo, no entanto, uma discussão acerca das suas diferentes conceções e respectivas objeções. Interessa determo-nos tão-somente na importância da expressividade e impactos emocionais subjacentes a uma produção admitida como artística. Passado este ponto, a música servirá de paradigma para a afirmação de uma forma artística particular no contexto do dualismo anteriormente interpretado. Por outro lado, o significado a dar à música será inscrito na visão de arte atrás valorizada.

Por fim, a tese: arte como condição para a construção do humano. Sendo o ponto de chegada, ela é, igualmente, legitimada pelas diversas justificações que foram enunciadas ao longo do percurso feito: dualidade intrínseca no humano, mas transposta em nome de uma uniformidade e harmonia universal; entendimento de arte reafirmado no universo da música.

A permanência implícita da tese e gradualmente colocada a descoberto, pode guiar para uma derradeira conclusão idealista: essa construção do humano tem em si a possibilidade, enquanto esperança, de nos tornarmos melhores. Sendo isto uma utopia, assume-se como um desejo a perseverar, tanto mais que realidades históricas mostraram e continuam a demonstrar ir na direção contrária.

1.

«O problema que levanto é precisamente saber até que ponto é um erro opor a alma ao corpo», diz Thomas Mann, pela voz de Hans Castorp, em *A montanha Mágica*¹.

A identificação deste problema, pelo escritor alemão, serve-nos de ponto de partida. Ela possibilita-nos conjecturar e dizer que falar de razão e espírito é uma ressignificação e deriva, perante o que primordialmente está enraizado no tema do dualismo. Esta realidade, por natureza dissociada, segundo a perspetiva trabalhada por Descartes, assenta, em rigor, no corpo e na alma, duas substâncias incomensuráveis, reveladas como evidências, mas também como enigmas sobrevividos ao longo da história.

Ser substância significa perdurar através do tempo, para além dos acidentes que possam interferir nessa constância. Neste âmbito, de um lado reconhece-se o corpo, entendido como divisível, físico e mecânico, a exemplo da engrenagem de um relógio. Do outro, a alma, sinónimo de espírito, coisa pensante, livre, impenetrável e indivisível. Nesta repartição, detecta-se um avanço obtido para a Modernidade, da responsabilidade da Filosofia e da Ciência. Observa-se que o corpo é analisável, de contornos objetivados,

¹ MANN, Thomas, *A Montanha Mágica*, Lisboa, Livros do Brasil, p. 522.

material e constituído por órgãos, operando segundo regras próprias, uma espécie de máquina em atividade, cujo funcionamento é autónomo, obedecendo a leis mecânicas. Em contrapartida, a alma é o pensamento, a razão, uma substância escondida, interior e imaterial, capaz de criar continuamente e poder aceder à verdade. Ela transpõe os erros de perceção que os sentidos podem, a partir desse universo corpo-máquina em laboração, originar.

Neste quadro de substâncias, corpo e alma, apesar de tudo, descobrimos na segunda, não apenas a capacidade racional, mas somos levados a admitir que ela ao pensar, é também capaz de desejar, de imaginar, de sentir², uma vez que são modos incorpóreos consentâneos, capazes de dialogar entre si, de se entenderem dada a sua natureza comum em constante disputa. O quadro agora referido é alicerçado em Spinoza, que revoga a distinção estabelecida, sendo aberta uma perspetiva, basicamente entendida como associada àquilo que era ação do corpo, em interação direta com os sentidos. De facto, estes são a porta de entrada do que pode ser permitido chegar a nós e vir a operar na perceção e no entendimento, traduzindo em cada um a adesão ou a recusa perante uma realidade tangível exterior. Estamos, por isso, próximos da afetação, da comoção, do acontecimento impressionável acolhido na sensibilidade. Ora, essa situação obriga a um outro olhar. Ou seja, o desafio doravante já não se fará estritamente entre os termos básicos estabelecidos como ponto de partida, corpo e alma, de acordo com a proposta cartesiana. Poder-se-á sim fazer entre os termos definidos sob um pretense maior grau de precisão: razão e espírito, sabendo de antemão que este último integra e representa a emocionalidade, escapando ainda à aceção de carácter religioso. Ele tende a coabitar, embora constrangido a tensões, com a razão, esta última outrora reduzida ao rigoroso significado de inteligência de cariz lógico. A razão não se reduz liminarmente ao cérebro, como sinónimo de normativo e de ordem. A razão, reunindo de forma complexa a participação sensível e o entendimento decorrente, encontrou hoje uma melhor definição na noção de mente.

O que se passa é, tal como o investigador António Damásio explicitou em *Sentir e Saber*³: ser, sentir e saber são as três fases evolutivas da vida. Ser é simplesmente existir, na interpretação mais restritiva do termo; sentir é reconhecer o mundo exterior e um conjunto de sensações dele captadas, sob a comprometimento dos sistemas nervoso e sensorial. Por fim, o saber, a fase entusiasmante, aquela que nos liga à condição e sentido da existência. O saber encoraja-se na consciência, que é o resultado de uma apropriação pessoal de tudo quanto chegou do mundo e por nós foi capaz de ser traduzido. Para esse admirável facto, as memórias são imprescindíveis, são elas que interferem, reorganizam e enriquecem quem somos, a partir do que adveio do exterior. Para toda esta realidade singular, que une o exterior com o interior, Pierre Terraz, colunista da revista *Philosophie Magazine*, interpreta Damásio recorrendo à imagem de um tijolo⁴. Na verdade, esse objeto estrutural de um edifício tem uma dupla valência: serve para demarcar o que está dentro do que está fora. Além disso, serve para erguer e promover uma construção. Fazendo a conveniente analogia acerca deste segundo aspecto, podemos sublinhar e concluir que, acima de tudo, está em jogo a construção do humano.

² <https://www.philomag.com/articles/lavenement-du-dualisme>

³ DAMÁSIO, António, *Sentir e Saber*, Lisboa, Temas e Debates, 2022, p. 49.

⁴ Disponível em: <https://www.philomag.com/articles/sentir-et-savoir-dantonio-damasio>. Acesso em: 19.12.2022.

Transpostas as questões de terminologia, centremo-nos naquilo que vincula e interpenetra a razão com as emoções, convertida numa fusão constante. Essa situação proporciona ao ser humano a formulação de juízos, com base no que recolhe e sente, aprovando a existência de uma retaguarda, uma plataforma fisiológica em atuação permanente num organismo vivo.

2.

A partir daqui, ingressamos no domínio do que denominamos de arte. Como se pode defini-la? A resposta levar-nos-ia a um universo jamais consensual, amplo e rico em perspectivas, compreendendo e extraindo delas as conseqüentes objeções. Enunciando-as em título, temos fundamentalmente as visões essencialistas e não essencialistas, dentro das quais abrimos mais mundos com interpretações valorativas referenciados à arte. Sem ser um discorrer preciso, permaneçamos na visão que nomeia a emoção com o devido destaque.

Diz, acerca da emoção, no contexto daquilo que admitimos como arte, o filósofo analítico Noël Carroll: «*A arte torna o mundo mais emocionalmente acessível [...] a arte humaniza o mundo [...]*»⁵. Num outro quadrante cultural, e realçando na defesa do valor e acuidade da emoção neste contexto habitado pela arte, diz o filósofo e historiador de arte, Didi-Huberman: «*A emoção não diz “eu” para começar porque, em mim, o inconsciente é bem maior, mais profundo, mais transversal que o meu pobre e pequeno “eu”. Depois, porque à minha volta, a sociedade, a comunidade dos homens, é também bem maior, mais profunda e mais transversal do que cada “eu” individual*»⁶. Regressando a Damásio e com respeito à emoção, refere o investigador: «*[...] é uma perturbação do estado de vida em mim*»⁷.

Que notas há a reter? A humanização assenta num primeiro momento no universo do “eu”. Há que reconhecer, com isso, que a emoção, enquanto estado psicológico interior, comporta vários níveis: o psico-fisiológico autónomo, a sensação qualitativa, o expressivo e o cognitivo-valorativo. Este último, convencionou-se na valorização positiva ou negativa de um acontecimento, com base numa motivação intrínseca⁸, sendo esse nível que, neste momento, urge sublinhar.

Chegados aqui, falemos de arte como um acontecimento fenoménico, antes da preocupação em defini-la. Fala-se então de uma produção de alguém inevitavelmente para alguém, mesmo que isso não seja assumido claramente pelo primeiro. Ela parte e aponta para um mundo vasto que nos excede. E chega ao pequeno mundo de nós próprios, ao qual estamos limitados e convidados à abertura ou até, no limite, à rotura. Esse relacionamento de mundos, eventualmente desproporcionais, compromete-nos a todos. Por outras palavras, resguardando-nos do problema da definição da arte e das objeções a ela imputáveis, com o reconhecimento da emoção e admitindo-a no domínio da arte, todos nós, criadores e fruidores, estamos implicados num trabalho de humanização que deixa inevitavelmente marcas. A arte torna-se, nas palavras de Carroll, «*[...] aquilo que é*

⁵ CARROLL, Noël, *Filosofia da Arte*, Lisboa, Texto&Grafia, 2010, p. 122.

⁶ DIDI-HUBERMAN, Georges, *Que emoção?* Lisboa, KKYM, 2015, p. 31.

⁷ Entrevista com António Damásio. Disponível: Acesso em: 19.12.2022.

⁸ GOMILLA, Antoni, *Significado, emoción y valor. Ensayos sobre filosofía de la música*, Madrid, Machado Grupo de Distribución, 2010, p. 195.

concebido para produzir uma experiência primordialmente estética [...]»⁹. A estética é, por isso, o livre acolhimento convertido em puro prazer, sem mais nada a acrescentar. A receptividade que obriga a parar e assimilar, numa contemplação que alimenta e acrescenta.

Assim, gravada numa concepção expressivista, Tolstói no capítulo V da sua obra – *O que é a Arte?*, enuncia: «[...] A arte é um meio de união das pessoas, um meio de comunhão [...]»¹⁰. Antes, no prefácio, Aires de Almeida, lembra: «A teoria de Tolstói capta um aspecto muito importante da nossa relação com a arte, o papel da emoção na apreciação e na valorização da arte [...]»¹¹.

Deste modo, essa interação constituída, tendo no centro das atenções uma dada obra de arte, lança-nos para uma realidade ousada a descobrir, a qual inclui o eterno retorno a nós mesmos. Refere o filósofo Roger Scruton: «[...] as obras de exprimem emoção e que esta tem valor para nós porque nos põe em contacto com a condição humana e nos estimula a desejar experiências que de outro modo nunca teríamos»¹²[...].

Dito de outro modo, perante um objeto artístico cria-se um elo que sugere, mobiliza e impõe uma viagem ao nosso mundo interior. Do lado dos fruidores, é ocasião de redescoberta daquilo que nos fundou e acerca do qual, convenhamos, as respostas que se conseguem obter são quase nulas ou imprecisas. Cumpre-se a possibilidade de reinterpretação e avaliação dos mundos, interior e exterior, ficando sempre a sensação de vagueza, de uma eventual aproximação que não se concretiza. Recolhem-se os fragmentos concedidos, meramente pedaços de uma realidade esboçada e incapaz de se deixar facilmente revelar. Esses fragmentos foram proporcionados por aqueles que se anteciparam e tomaram a iniciativa de criar manifestações artísticas, como forma de responder ao desconhecimento e à impaciência causadas pela existência. Toda essa porção de realidade descortinada é um desprazer que procura o prazer, ou, em sentido inverso, um prazer que alimenta ainda mais o desprazer. Mas isso é, apesar dessa insatisfação duradoura, um verdadeiro avanço para o reencontro connosco e daí podermos partir para o reencontro com mundo. Scruton, porventura mais optimista, diz a este respeito de modo cabal: «A arte responde ao enigma da existência. Ela diz-nos porque existimos ao imbuir as nossas vidas de um sentimento de ajustamento às coisas»¹³.

Numa outra latitude cultural e de feição análoga, o cineasta Tarkovski refere a este propósito em *Esculpir o Tempo*: «A arte consiste em explicar por si mesma e à sua volta o sentido da vida e da existência humana»¹⁴. Adiante, numa declaração teleológica acrescenta com angústia: «A arte prepara-nos para a morte, como vê-la na sua profunda integridade»¹⁵.

Com a arte, joga-se o tempo, eventualmente induzido ao instante, da apreensão diante a condição e o sentido da existência, mas também da felicidade aspirada. Despertando com isso a emoção e o entendimento, esse tempo é o momento singular,

⁹ CARROLL, Noel y ALPERSON, Philip, *Música, Movimento e Moralidad: movendo el cuerpo político, in Significado, emoción y valor. Ensayos sobre filosofía de la música*, Madrid, Machado Grupo de Distribución, 2010, p. 195

¹⁰ TOSTOI, Lev, *O que é a arte?*, Lisboa, Gravidia, 2016, p. 79.

¹¹ Idem, *op. cit.*, pp. 26 e 27.

¹² SCRUTON, Roger, *Beleza*, Lisboa, Guerra & Paz, 2009, p. 106.

¹³ Idem, *op.cit.*, p 117.

¹⁴ Tarkovski, Andrei, *Esculpir en el tiempo*, Madrid, Ediciones RIALP, S.A., 2015, p 58.

¹⁵ Idem, *op.cit.*, p. 64.

escasso, contudo, mas participando da eternidade. É o tempo do contacto com as perplexidades e contentamentos que nos motivam, despertam e exigem o revelar humano vinculado a uma unidade, razão e emoção, fazendo, e de acordo com Scruton, que a arte aponte «[...] *para lá desse mundo de coisas contingentes e desconexas, para uma outra realidade que dá à vida humana uma lógica emocional* [...]»¹⁶.

3.

Chegados a este último ponto, resta-nos fazer emergir do domínio da arte algumas considerações acerca da música. Porquê a música, neste percurso que pretende fazer valer a emoção e o entendimento como modos combinados de criação e de fruição de uma manifestação artística?

A isto responde Schopenhauer, comentado por Thomas Mann¹⁷: «*A música encarada como expressão do mundo, é, pois, uma língua eminentemente universal*». Serve a música para uma visão ampla e extensiva ligando o ser, o sentir e o saber, esse notável trajeto evolutivo expresso por Damásio, presumindo que em nós caberá um final feliz: o resultado de um processo construtivo partilhado e contagiante que nos deve dignificar, ao unir criativos e usufrutuários.

Através da música, descortinam-se as sonoridades que, combinadas e interpretadas, agitam nessa abertura receptiva as nossas memórias e imaginação. Estabelece-se um contacto pessoal, único e sentimental, tão profundo que pode ser feito de imagens visuais mais ou menos difusas, ténues e quase impercetíveis, como modo de penetrar no nosso mundo interior, reservado e afectivo, que está em nós escondido e a achar na sua imensidão rumo à pacificação. Por isso, faz sentido considerar e incluir a antiga ideia, extraída da tradição japonesa, que o tempo é superior ao espaço ou, estabelecendo um paralelismo, que a música (e também) a poesia são, diz o especialista em Estética Musical, Enrico Fubini, «[...] *artes do tempo e não do espaço* [...]»¹⁸.

O compositor e musicólogo Fernando Lopes Graça escreveu em 1978, a respeito da música: «[...] *é uma arte complexa [...] que põem em jogo no campo da criação e da contemplação, tanto os dados da intuição como das faculdades do intelecto*»¹⁹. Aqui se tenta conciliar, de acordo com a aclaração feita por Mário Viera de Carvalho²⁰, a visão de “música numerus”, de harmonia com o macrocosmos e resultante do movimento das esferas, do ciclo das estações do ano e da ordem dos elementos, da proporção que radica a vida, com a “música affectus”, surgida num primeiro momento no Renascimento para exprimir, desde logo, as emoções do compositor e este, de seguida, vir a comunicá-las com o enriquecimento advindo para o comum dos mortais.

Pela música permanecemos, excluindo concepções canónicas ou formais. Mas enfatizando a poética, entendida como desocultação do ser, nas palavras de Eugénio de Andrade²¹: «*Se não fosses água, que outra música serias*», diz o poeta. É a afeição que nos reúne ao audível, transportando esse perceptível sonoro para o nosso mundo interior. Face aos horizontes que abre – aquilo que sendo exterior e longínquo e se descobre –, a

¹⁶ Idem, *op.cit.*, p. 166.

¹⁷ MANN, Thomas, *O Pensamento Vivo de Schopenhauer*, S. Paulo, Livraria Martins, 1948, p. 162.

¹⁸ FUBINI, Enrico, *Estética da Música*, Lisboa, Edições 70, 2015, p. 25.

¹⁹ LOPES GRAÇA, Fernando, *Reflexões sobre a Música*, Lisboa, Edições Cosmos, 1979, p.151.

²⁰ CARVALHO, Mário Vieira, *Razão e Sentimento na Comunicação Musical*, Lisboa, Relógio de Água, p. 28

²¹ ANDRADE, Eugénio, *Poesia e Prosa*, [1940-1980], Porto, Limiar, pp. 389 e 139.

música é sedutora e pode ser transformadora. Uma espécie de fim último reservado à música, que Lopes Graça, saltando a erudição académica e numa lógica de proximidade às pessoas, reclama: «*O que interessa não é entender a música, é gostar dela, é senti-la, é amá-la*»²².

Neste sentido, e de acordo com Sixto Castro, em comentário a Scruton, a relação entre música e emoção «[...] *não se faz por convenções... mas nasce de acto de tocar e escutar* [...]»²³. Por isso, neste contexto, a música irrompe para exprimir as paixões e comunicá-las. Neste ponto, não é apenas o compositor que, em exclusivo, gere o *pathos* e o *ethos*. A partir dele, também o público intervém, completando esse processo comunicativo, no ato de uma audição que invoca e envolve cada um a participar ativamente. Não se pense, todavia, que se está a fazer a apologia de um subjetivismo exacerbado e que, dessa forma, se venha a esquecer do mundo. O que está aqui em causa é que a música deve, nas palavras do compositor americano Siegmeister: «[...] *fortalecer emoções comuns a todos* [...]»²⁴.

A arte, com destaque para a música, é sem dúvida uma experiência subjetiva, mas que excede esse âmbito e se dirige a todos, mobilizando-nos. Insiste Siegmeister: «[...] *(a música) deve fortalecer as emoções comuns (...) Pode pintar a realidade do sofrimento, da opressão da luta, da esperança, alegria e decisão do povo* [...]»²⁵. Neste sentido, e contando com a relevância da sociedade nessa unidade activa, razão e emoção, há que ampliar e alargar os domínios por onde a música fluiu e toca. De acordo com Carroll e Alperson²⁶, ela tem a função de coesão social e estabilidade; de integração e de desintegração; de melhorar interiormente as relações interpessoais, com incidência em resultados terapêuticos decorrentes e, por fim, na tomada de consciência cognitiva e, simultaneamente, afectiva de promoção política e social, com vista à denúncia, ao combate e à aspiração de uma sociedade mais justa.

4.

Epílogo

De volta a Tarkovski: «*A arte reforça o melhor que o ser humano é capaz: a esperança, a fé, o amor, a beleza*»²⁷, diz o cineasta. Desta forma, é reafirmada a tese aqui traçada, com especial ênfase para o caso da música e da vivência que dela podemos receber. Não que ela seja a forma artística exclusiva, porém, a sua dimensão afetiva e irradiadora confere-lhe uma primazia singular, desassossegando-nos individual e coletivamente, através de sussurrados ímpetus de felicidade a sentir.

Sabemos que a tese aqui apresentada é controversa. A história, lamentavelmente, demonstrou muitas vezes o contrário. A arte, e no caso a música, coabitou íntima com a redenção e a maldade. Lembremo-nos do fascínio e paixão que os superiores nazis tinham pela música de excelência e, apesar disso, de todas as atrocidades inumanas cometidas. Se fosse linear que a arte e a música em particular fossem para nós a redenção, então nada

²² Idem, *op. cit.*, p. 218.

²³ SIXTO, J. Castro, El elemento, Afectivo en la Música, in *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, Aletheia, Volume 74, nº 4, 2018, p.1342.

²⁴ SIEGMEISTER, Elie, *A música e a sociedade*, Lisboa, Biblioteca Cosmos, 1945, p. 8.

²⁵ Idem, *op.cit.*, p. 92.

²⁶ NÖEL, Carroll e ASPERSON, Philip, Música Mente y Moralidade: movendo el cuerpo político, in *Significado, emoción y valor. Ensayos sobre filosofía de la música*, Madrid, Machado Grupo de Distribución, 2010, pp. 269-277.

²⁷ Idem, *op.cit.*, p. 218.

disso teria acontecido. O que sucede é que também a irracionalidade nos domina, estripando a razão e a emoção autênticas, aquilo que verdadeiramente configura na bondade o humano. Fica-se então, nesse esvaziamento, à mercê da propagação da carnificina. E a bondade, nas palavras de Espinosa, citado por Thomas Mann, importa nunca esquecer, «[...] *não é mais que o amor nascido da compaixão*»²⁸.

Terminado este percurso, onde os fios da razão e da emoção se entrelaçaram como nós, e destes, com a arte e a música, fica uma última menção que nos coloca, enquanto seres humanos, diante o mundo criativo que nos constrói e, no limite, estimula cada um a ser melhor. São de Didi-Huberman as últimas palavras que destacam cuidadosamente a nossa humanidade. «*Cabe-nos a nós, se quisermos reflectir, encontrar tanto os traços de inquietude no coração das nossas alegrias presentes, como as possibilidades de alegria das nossas tristezas do momento*»²⁹.

Estremoz, António Júlio Rebelo
Janeiro de 2023

²⁸ Idem, *op.cit.*, p.31.

²⁹ Idem, *op.cit.*, p.46.